

LEITURA E ESCRITA NA FILOSOFIA: ESTRATÉGIAS DIALÓGICO-DISCURSIVAS PARA O INÍCIO DA GRADUAÇÃO. UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO ACADÊMICO*

READING AND WRITING IN PHILOSOPHY: DIALOGICAL-DISCURSIVE STRATEGIES FOR UNDERGRADUATE BEGINNINGS. AN ACADEMIC LITERACY PROPOSAL

Robson Figueiredo Brito**
Izabela Silva Moreira***

RESUMO

Este artigo aborda estratégias dialógico-discursivas fundamentais para o início da graduação, focando no letramento acadêmico dentro de uma disciplina curricular do curso de Filosofia: Leitura e escrita. O campo disciplinar da Filosofia, entendido como uma prática sociocultural, transcende a mera aquisição de habilidades linguísticas ao se integrar profundamente na construção do conhecimento e na crítica reflexiva do mundo, exigindo competências específicas, como a habilidade de compreender discursos diversos, realizar análises críticas, sintetizar informações, construir argumentos embasados, perceber nuances das citações e integrá-las de forma coerente aos argumentos desenvolvidos. Capacitar os estudantes nesses aspectos não apenas prepara para desafios acadêmicos, mas também para um engajamento crítico e produtivo no mundo ao redor, fortalecendo a capacidade de contribuir de maneira significativa em suas respectivas áreas de atuação. Dessa forma, o letramento acadêmico em Filosofia não apenas forma profissionais bem preparados, mas cidadãos conscientes, aptos a enfrentar e interpretar os complexos cenários contemporâneos com profundidade e discernimento.

PALAVRAS-CHAVES: leitura e escrita; estratégias dialógico-discursivas; letramento acadêmico.

ABSTRACT

This article discusses fundamental dialogical-discursive strategies for early under graduate education, focusing on academic literacy within a Philosophy course curriculum: reading and writing. The disciplinary Field of Philosophy, understood as a socio-cultural practice, goes beyond mere acquisition of language skills by deeply integrating into knowledge construction and reflective critique of the world. This demands specific competencies such as the ability to comprehend diverse discourses, conduct critical analyses, synthesize information, build well-founded arguments, perceive nuances in citations, and integrate them coherently into developed arguments. Developing students in these aspects not only prepares them for academic challenges but also for critical and productive engagement with the world, enhancing their ability to contribute meaningfully in their respective fields. Thus, academic literacy in Philosophy not only prepares well-equipped professionals but also conscientious citizens capable of confronting and interpreting complex contemporary scenarios with depth and discernment.

KEYWORDS: reading and writing; dialogical-discursive strategies; academic literacy.

* Artigo recebido em 07/05/2024 e aprovado para publicação em 20/06/2024.

** Doutor e mestre em Linguística pela PUC Minas; graduado em Filosofia e Psicologia pela mesma Universidade. Professor da PUC Minas. E-mail: robsonbrito@pucminas.br.

*** Mestranda pelo PPG Educação da PUC Minas. Pedagoga, extensionista do Projeto de extensão “Deus é para todos”. E-mail: izabela090@hotmail.com.

1 LER E ESCREVER NO CAMPO FILOSÓFICO: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Na esfera universitária, a Leitura e a Escrita desempenham funções cruciais na formação acadêmica¹, não se limitando apenas à simples obtenção de informações. Além disso, enquanto disciplina curricular, elas exigem dos estudantes a capacidade de analisar, interpretar e argumentar de forma fundamentada.

Nesse contexto, a prática de ler e escrever constitui-se como ferramenta poderosa de inserção dos novos bacharéis em Filosofia nesta nova comunidade, a acadêmica, para que possam integrá-la e participar de modo efetivo no que diz respeito à aquisição e à produção de conhecimento.

O campo da Leitura e Escrita como prática sociocultural, quando situado no âmbito da Universidade, transcende o mero desenvolvimento de habilidades linguísticas, transformando-se em uma experiência integrada na construção do conhecimento e na conexão crítica com o mundo.

No âmbito da disciplina Leitura e Escrita, propomos a organização de um trabalho didático-pedagógico sustentado por quatro microesferas – *i*) leituras e escritas de si; *ii*) leituras e escritas do outro; *iii*) leituras e escritas com e do mundo; e *iv*) leituras e escritas filosóficas na universidade. Essas microesferas são dialógicas² e convergem-se para enriquecer o processo de ensino, pesquisa e extensão.

A prática das leituras e escritas de si capacita os alunos tão somente a aprimorar suas habilidades literárias, e também a desenvolver uma consciência crítica sobre suas próprias experiências e identidade. Ao explorar as escritas e leituras do outro, os estudantes são incentivados a cultivar empatia, compreendendo diferentes perspectivas e promovendo a diversidade de vozes na produção textual. As leituras e escritas com e do mundo ampliam a visão dos alunos sobre o papel da linguagem na compreensão e intervenção em questões sociais, incentivando a participação cidadã informada. A microesfera de leituras e escritas

¹ Vale ressaltar que referimo-nos a um campo do saber nas Ciências Humanas *sui generis* que é a Filosofia e, por essa razão, concordamos com Gallo (2014), quando destaca três elementos essenciais nesse campo: *o pensamento conceitual*, porque é um saber que procede, produz conceitos e com isso se diferencia da ciência e da arte; *o caráter dialógico*, porque representa um saber que pode confrontar-se consigo mesmo e demonstra uma abertura para a construção coletiva de saberes; e *o posicionamento crítico radical*, porque se constitui como uma atitude que é da não conformação e da busca pela radicalidade das coisas.

² Destacamos um aspecto essencial sobre a natureza e a constituição dialógica das microesferas que embasam o nosso trabalho didático-pedagógico que está na concepção bakhtiniana da língua(gem) discutida por Brait (2018) quando evidencia o trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos na Análise e teoria do discurso que nos conduzem às relações dialógicas que estão em interconexão com as dimensões lógico-semânticas da língua e indicam a heterogeneidade constitutiva do discurso.

filosóficas na Universidade contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e autônomo, enquanto os alunos engajam-se com textos filosóficos e produzem reflexões fundamentadas para que possam desenvolver conexões com o pergunta norteadora desse campo de saber: afinal, o que é a filosofia?

Ler e escrever filosoficamente são essenciais para que o pensamento possa realmente ser experimentado pelos novos filósofos como oficinas de conceitos³ que podem ser descortinados nessa microesfera da disciplina de leitura e escrita. A prática das leituras e escrita filosóficas desafia os sujeitos leitores e escritores a expressarem pensamentos complexos de maneira rigorosa, porque exige deles a incorporação de três atitudes essenciais e estruturantes para o pensar filosófico: a atitude filosófica, a atitude crítica e a atitude reflexiva. Portanto, compreendemos que a leitura e a escrita são essenciais para que o Pensamento Filosófico possa ser efetivamente explorado pelos novos filósofos, funcionando como oficinas de conceitos que se desdobram nas microesferas da disciplina de leitura e escrita. Assim, essas microesferas fortalecem as habilidades de leitura e de escrita, e nutrem uma formação acadêmica dialógico-discursiva, conectando o conhecimento linguístico às esferas mais amplas do entendimento de si, da sociedade e da filosofia⁴.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: REVISITANDO NOÇÕES E MODELOS

Em nossa pesquisa de 2019⁵, o principal enfoque residia na análise crítica de concepções arraigadas relacionadas ao déficit de habilidades de leitura e escrita, frequentemente invocadas no ambiente acadêmico para explicar a suposta falta de preparo dos alunos provenientes da Educação Básica ao ingressarem na Universidade. Notava-se que muitos desses novos alunos desconheciam os fundamentos essenciais do processo de leitura e escrita no contexto acadêmico, pois muitas de suas experiências prévias se baseavam em

³ Sugerimos a leitura do capítulo: A filosofia como criação de conceitos em Gallo (2014).

⁴ Ancorados na perspectiva do Círculo de Bakhtin, para o empreendimento da análise dialógico-discursiva é necessário ultrapassar a materialidade linguística dos textos tal qual nos mostra Brait (2018), quando sublinha que o trabalho bakhtiniano com a língua(gem) se dá justamente no processo de reconhecimento do gênero e dos textos que estão inseridos nele. Desse modo, a autora enuncia que é preciso realizar a compreensão dos textos/discursos a partir das formas de produção de sentido de um determinado discurso dentro de um pré-texto e de um contexto.

⁵ Desenvolvemos a pesquisa que está sistematizada em Brito (2019).

modelos que tratavam o sujeito leitor e escritor, assim como sua produção textual, como entidades homogêneas.

Cinco anos após a conclusão de nossa pesquisa doutoral, constata-se que as práticas de leitura e escrita no meio acadêmico ainda estão enraizadas em abordagens autônomas criticadas por Street (2014), especialmente no que se denomina modelo de letramento autônomo. Nesse paradigma, tanto os sujeitos quanto os textos são percebidos como uniformes, e o contexto social, histórico e cultural é relegado a um plano secundário, desconsiderado em relação às práticas de leitura e escrita. As concepções associadas à falta de preparo, tanto por parte dos professores quanto dos alunos em formação inicial nos cursos universitários, mantêm-se limitadas à visão individualista das capacidades cognitivas do sujeito na manipulação do texto escrito para a resolução de problemas.

Assim como proposto por Street (2014), advogamos pelo enfoque da leitura e escrita dentro do contexto do modelo de letramento ideológico, que se baseia nas práticas sociais reais dos sujeitos. Esse modelo considera uma gama de ideologias, dinâmicas de poder, integração do indivíduo na narrativa histórica, expressões culturais locais, construção de identidades e interações entre diversos grupos. De acordo com o autor, os sujeitos, enquanto leitores e escritores, participam ativamente de práticas sociais específicas, o que implica que as práticas de letramento devem ser entendidas como produtos emergentes da história, cultura e discursos nos quais estão imersos e dos quais participam.

A investigação dos mecanismos e procedimentos envolvidos na leitura e escrita de textos, independentemente de sua natureza acadêmica, é uma área essencial para o desenvolvimento das competências linguísticas e cognitivas dos sujeitos, que ocorrem em constante interação discursiva e sócio-histórica⁶. A compreensão detalhada desses processos e das práticas de leitura e escrita é crucial para uma abordagem plural dos letramentos, especialmente para contraditar a “a grande divisão” fala x escrita; reexaminar a relação entre os processos de escolarização e os letramentos na qualidade de prática social; repensar as

⁶ Sob o enquadre dos estudos russos da linguagem podemos afirmar que o dialogismo é uma condição da constituição da língua(gem) e da produção de sentido dos textos/discursos e, como nos recorda Barros (2005, p. 32), “conciliam-se, assim, nos escritos de Bakhtin, as abordagens do texto ditas ‘externas’ e ‘internas’ e recupera-se, no texto, seu estatuto pleno de objeto linguístico-discursivo, social e histórico. [...] o discurso não é individual porque se constrói entre pelos menos dois interlocutores, que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um diálogo entre discursos, ou seja, mantém relações com outros discursos.”

políticas nacionais e internacionais de avaliação dos processos de saber ler e escrever na Escola e na Universidade⁷.

No ambiente universitário, a leitura e a escrita de textos requerem competências específicas, como recolhimento do discurso de outrem, análise crítica, síntese de informações e construção de argumentos embasados, percepção dos jogos de citação. Além disso, a habilidade de compreender e produzir textos fora do âmbito acadêmico é crucial para uma participação efetiva na sociedade, sendo fundamental em diversos aspectos da vida profissional, pessoal e sociocultural. Portanto, o estudo e a aplicação das práticas de leitura e escrita não apenas ampliam o domínio linguístico, mas também fortalecem a capacidade cognitiva e a habilidade de articular ideias dentro dos contextos dos diferentes gêneros textuais e discursivos⁸. Essas habilidades podem ser subdivididas em quatro microesferas⁹:

3 LEITURAS E ESCRITAS DE SI – PRIMEIRA MICROESFERA

A microesfera “leituras e escritas de si” refere-se à prática de ler e produzir textos que têm como foco a narrativa pessoal, a autorreflexão e a expressão do eu que nunca está desvinculado da ligação entre a linguagem e a vida, ou seja, ao ler, ao dizer e, conseqüentemente, ao escrever, o leitor/escritor responde a um universo dialógico¹⁰. Essa perspectiva foca na experiência interindividual do autor, explorando suas memórias, emoções, reflexões e vivências. As leituras e escritas de si desempenham um papel importante no desenvolvimento das habilidades linguístico-discursivas e na construção da consciência crítica dos estudantes.

⁷ Indicamos ao leitor a obra de Street (2014).

⁸ Não se pode deixar de considerar o sentido do ato político-ideológico de ler e escrever tal como expressa Street (2014, p. 146) quando afirma que “uma das razões por que desejo chamar sua contrapartida de ideológica é precisamente para assinalar que aqui não estamos simplesmente falando de aspectos técnicos do processo escrito ou do processo oral. Estamos falando, sim, é de modelos e pressupostos concorrentes sobre os processos de leitura e escrita, que estão sempre encaixados em relações de poder”.

⁹ Tomamos o conceito-chave de Esfera/Campo tratado por Grillo (2018, p. 147) para explicar o que sustenta essa noção de microesfera aqui desenhada por nós: “O campo/esfera é um espaço de refração que condiciona a relação enunciado/objeto do sentido, enunciado/enunciado, enunciado/coenunciadores. As esferas dão conta da realidade plural da atividade humana ao mesmo tempo que se assentam sobre o terreno comum da linguagem verbal humana”.

¹⁰ Indicamos ao leitor o texto de Dahlet (2005), especificamente quando ele se refere à existência de um sujeito kantiano no sujeito bakhtiniano, pois defende que o sujeito em Bakhtin não é sujeito coisa e sim um sujeito dialógico.

Ao realizarem práticas leitoras que tratam de autobiografias, diários, ensaios pessoais e outros gêneros que permitem expressar seus posicionamentos identitários, os novos graduandos em Filosofia têm a oportunidade de aprofundar sua compreensão sobre si mesmos e como suas experiências moldam e (re) modelam suas visões de mundo. Podem compartilhar suas perspectivas com os leitores desse tipo de gênero textual/discursivo, enquanto inscrevem-se em práticas de leitura/escrita que aprimoram as competências de expressão escrita e também estimulam a capacidade de análise, interpretação e reflexão sobre o percurso individual na disciplina.

Assim, essa microesfera na disciplina de Leitura e Escrita possibilita o aperfeiçoamento das competências comunicativas e, assim, promove o autoconhecimento e a construção de uma consciência crítica e reflexiva, particularmente porque:

[...] todo falante (escrevente) é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entre nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (Bakhtin, 2011, p. 272).

Desse modo, os estudantes têm a oportunidade de se comprometerem na escrita de si mesmos, guiados por essas leituras prévias que podem enriquecer sua produção textual. Eles podem transcender a simples transmissão de informações, sendo capazes de incorporar em seus textos elementos significativos de sua identidade e trajetória dentro das comunidades sociodiscursivas às quais pertencem e das quais participam.

4 LEITURAS E ESCRITAS COM O OUTRO – SEGUNDA MICROESFERA

A microesfera denominada “leituras e escritas com o outro” refere-se à prática de interação discursiva/textual entre diferentes sujeitos, possibilitando a colaboração e o diálogo¹¹ por meio da leitura e escrita compartilhadas. Nesse contexto, a ênfase é colocada na comunicação social entre os participantes, estimulando a troca de ideias, perspectivas e experiências por meio do ato de ler e escrever juntos.

¹¹ Vale destacar que o conceito de diálogo aqui mencionado por nós encontra eco no trabalho do Círculo de Bakhtin e especialmente no que diz Marchezan (2018, p. 118) quando nos mostra que os “[...] diálogos sociais não se repetem de maneira absoluta, mas não são completamente novos, reiteram marcas históricas e sociais, que caracterizam uma dada cultura, uma dada sociedade”.

Na prática, essa microesfera envolve atividades como leitura e escrita colaborativas, discussões de textos e produções conjuntas. Os alunos são incentivados a engajar-se em processos de leitura e escrita que vão além do individualismo, oportunizando a construção coletiva de significados, o que pode enriquecer a compreensão dos textos/discursos¹², e permiti-los aperfeiçoar suas habilidades sociais e cognitivas essenciais para a interação efetiva em um contexto acadêmico e social mais amplo, fomentando a empatia, o respeito às diferentes perspectivas e a capacidade de cooperar efetivamente em grupo: como agentes sociais da leitura e da escrita.

Essa prática colaborativa contribui para a formação de uma comunidade de aprendizagem em que a diversidade de vozes e as experiências são valorizadas, enriquecendo, assim, o processo de ler e escrever no âmbito da disciplina e da vida sociocultural e política do novo estudante de Filosofia.

5 LEITURAS E ESCRITAS DO E COM O MUNDO – TERCEIRA MICROESFERA

A microesfera “Leituras e escritas do e no mundo” no âmbito da disciplina de Leitura e Escrita envolve a prática de explorar textos/discursos que têm como foco as relações dialógicas entre a produção textual e o contexto mais amplo do mundo, seja ele social, cultural, político ou econômico. Essa microesfera busca conectar a leitura e a escrita com as realidades do mundo, incentivando os alunos a compreenderem como as palavras, ideias e textos estão entrelaçados com as dinâmicas sociais e globais.

Na prática, os estudantes são desafiados a analisar textos/discursos¹³ que abordam questões relevantes, como problemas sociais, desafios ambientais, questões políticas e culturais e entender o impacto das palavras e das narrativas na construção de significados sociais, históricos e ideológicos. Eles são encorajados a refletir sobre como a leitura e escrita podem ser uma ferramenta para compreender, questionar e intervir no mundo ao seu redor. Além disso, os alunos são incentivados a produzir textos que explorem e expressem suas

¹² Recomendamos ao leitor o texto de Brait (2012) “Perspectiva dialógica”, especialmente quando traz discussões importantes para responder à questão Texto ou Discurso? e entendermos a interligação das relações dialógicas-texto no Círculo de Bakhtin.

¹³ Sob o enquadre bakhtiniano, ressaltamos que todo dizer é e está direcionado para uma res – posta, ou seja, uma tomada de posição do sujeito falante em direção ao auditório social, que é pertencente ao enunciado ter um receptor presumido, tal qual aduz Faraco (2013).

visões sobre essas questões, promovendo a consciência crítica e a participação ativa na sociedade.

A microesfera de leituras e escritas do e no mundo desenvolve habilidades de leitura e escrita e também pode proporcionar o desenvolvimento de uma noção da cidadania informada e engajada. Essa prática pode capacitar os estudantes a se tornarem agentes reflexivos e conscientes¹⁴ em relação aos desafios e oportunidades presentes no mundo ao seu redor, inclusive para responder uma pergunta proposta por Gallo (2014, p. 94): “Podemos fazer das aulas de filosofia exercícios de resistência à opinião e aos tempos hipermodernos [...]?” E nós acrescentamos à pergunta o seguinte: podemos fazer das aulas de leitura e escrita no campo da Filosofia um exercício semelhante?

6 LEITURAS E ESCRITAS FILOSÓFICAS NA UNIVERSIDADE – QUARTA MICROESFERA

A microesfera “leituras e escritas filosóficas” na Universidade refere-se à prática de explorar textos/discursos filosóficos, bem como à produção de escritos que se engajam com questões filosóficas, promovendo a compreensão profunda da Filosofia como um campo de estudo. A prática leitora levará os alunos a analisarem, interpretarem e expressarem suas próprias reflexões filosóficas com o desafio de, sob o viés bakhtiniano, ler o texto, mas compreendê-lo como um discurso, porque, segundo Bakhtin (2011, p. 298),

O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento.

Na prática, os estudantes são expostos a textos clássicos e contemporâneos da filosofia, nos quais são apresentados argumentos, teorias e debates fundamentais. Eles são desafiados a desenvolver habilidades críticas¹⁵ para a interpretação desses textos, assim como

¹⁴ O que sustentará essa prática de leitura e escrita está em Gallo (2014), que descreve aspectos da pedagogia do conceito articulada em quatro momentos didáticos: etapa de sensibilização; de problematização; de investigação; e de conceituação.

¹⁵ Em conformidade com Bakhtin (2011, p. 299): “[...] em qualquer enunciado, quando estudado com mais profundidade em situações concretas de comunicação discursiva, descobrimos toda uma série de palavras do outro semilattes e latentes, de diferentes graus de alteridade.” Por essa razão filosófico-metodológica é

a articular suas próprias ideias filosóficas de forma clara e coerente por meio da escrita. Os temas podem variar desde questões éticas e metafísicas até epistemológicas e políticas, dependendo do enfoque do curso.

Os alunos são encorajados a participar ativamente de discussões filosóficas, tanto na leitura quanto na produção de textos, contribuindo assim para o desenvolvimento do pensamento crítico e aprofundamento na compreensão de questões fundamentais que permeiam a Filosofia, relacionando às situações epistêmicas investigadas ao longo da história do pensamento ocidental, oportunizando a construção de uma postura filosófica do entendimento de uma ecologia de conceitos, tal qual descreve Gallo (2014).

7 PROPOSTA DE INTERLIGAÇÃO DAS MICROESFERAS NO ÂMBITO DA DISCIPLINA DE LEITURA E ESCRITA

Consideramos as conexões sociointeracionais¹⁶ que permeiam o letramento escolar e acadêmico como fundamentais dentro de uma disciplina curricular, tal como a de Leitura e escrita, no âmbito do primeiro período do curso de Filosofia-Bacharelado. Desse modo, entendemos que a organização didático-pedagógica de uma disciplina em quatro microesferas pode perpassar as vivências desses sujeitos no cotidiano da sala de aula e, em especial, nesse trabalho com as práticas de leitura e escrita no saber-fazer disciplinar para efetivar uma experiência de Letramento Acadêmico no início da formação dos neófitos no curso de Filosofia. Assim como percebemos as relações sociais que perpassam o vínculo professor-aluno circunscrito nas práticas sociais concretas dos indivíduos quando realizamos essa prática docente de ler e escrever sob essa perspectiva sociointeracionista.

Apresentamos um mapa conceitual que sintetiza a proposta de integração dessas microesferas na disciplina de Leitura e Escrita, considerando a interação entre sujeitos situados no contexto universitário em que tais práticas são consideradas e podem ser apropriadas.

necessário desenvolver essas habilidades críticas nos estudantes já no início da graduação tal como nos ensina Bakhtin (2011, p. 299): “Cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites o enunciado, como mônada de Leibniz, reflete o processo do discurso, os enunciados do outro, e antes de tudo os elos precedentes da cadeia (às vezes os mais imediatos, e vez por outra até os muitos distantes – os campos da comunicação cultural)”.

¹⁶As conexões sociointeracionais que estão consideradas aqui são as vivências com o ato político de ler, escrever na Universidade com as novas formas de saber e de organizar o conhecimento como demonstram Lea e Street (2014).

Mapa conceitual – microesferas de Leitura(s) e Escrita(s)¹⁷ – organização didático-pedagógica da disciplina



Fonte: elaborado pelos autores.

Na disciplina de Leitura e escrita, cada uma das microesferas possui uma representação singular, servindo como um modelo concebido para demonstrar como os elementos fundamentais de cada prática de leitura e escrita podem instigar nos alunos a formação de conexões e a articulação de perspectivas para realizarem o empreendimento do ato de ler e escrever no espaço universitário do seguinte modo:

- a) *Sobre a microesfera: Leitura(s) e escrita(s) de si:* representação da porta de entrada da disciplina– nessa etapa os estudantes desenvolvem leitura(s) sobre autoconhecimento e podem expressá-las com a produção textual que incorpore posicionamentos identitários – abordando a construção das identidades individuais por meio da produção de autonarrativas e reflexões pessoais;
- b) *Sobre a microesfera: Leitura(s) e escrita(s) com o outro:* representação do primeiro passo – nessa etapa os estudantes realizam leitura(s) que podem levar à desconstrução de estereótipos por meio de diálogos, permitindo o desenvolvimento de

¹⁷ Leitura e escrita estão no plural porque, segundo Orlandi (2012), os sentidos passam pela questão da intertextualidade, ou seja, são múltiplos. Além disso, a produção escrita, de acordo com Mari (2008), está relacionada também ao processamento da produção de sentido: o sujeito/história estabelece interação/interseção com o sujeito/sistema, que, por sua vez, estabelece interação/interseção com o sistema/sujeito/história. Com isso, podem-se construir diversos modos de escrever.

posicionamentos intersubjetivos interculturais – focalizando o aprendizado e a compreensão das perspectivas intersubjetivas;

c) *Sobre a Microesfera: Leitura(s) e escrita(s) do e com o mundo*: representação do engajamento – nessa etapa os estudantes executam leitura(s) produto da interação social que se dá por meio de práticas leitoras contextualizadas com intervenção criativa, conectando texto e contexto – enfatizando a formação de posicionamentos discursivos que estejam relacionados com o ativismo literário e o impacto social da leitura.

d) *Sobre a Microesfera: Leitura(s) e escrita(s) filosóficas na Universidade*: representação da saída da disciplina – nessa etapa os estudantes praticam leitura(s) de textos filosóficos que integram a Filosofia a outras áreas de saber – priorizando o pensamento crítico na análise filosófica por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, desenvolvendo posicionamentos argumentativos.

8 CONEXÕES ENTRE AS QUATRO MICROESFERAS NO CAMPO DA LEITURA E ESCRITA

Ao integrar as conexões com as quatro microesferas que desempenham a função de unidades de ensino, a disciplina de Leitura e Escrita no campo da Filosofia pode operar como um espaço dinâmico de formação de sujeitos leitores e escritores. Isso pode capacitar os estudantes em práticas acadêmicas e prepará-los para atuar como agentes críticos e engajados em diversos contextos sociais. Tal contribuição se estende para áreas como ética, política, cultura e desenvolvimento humano, tanto em organizações não governamentais quanto em instituições governamentais:

Leitura(s) e escrita(s) de si:

- Conexão com a Filosofia: explorar narrativas pessoais para proporcionar uma compreensão mais profunda das questões filosóficas, ligando experiências individuais a temas universais como questões tais: “O que é a Filosofia? O que é a vontade? O que é a liberdade? Para que Filosofia?”¹⁸

- Relação com o Outro: refletir sobre experiências pessoais, para que os sujeitos leitores e escritores desenvolvam compreensão cognitiva e socioemocional em relação às perspectivas

¹⁸ Recomendamos a leitura do Capítulo “Para que Filosofia?” (Chauí, 2000).

dos outros como, por exemplo, questões acerca do sentido e da significação da própria existência e das produções culturais (Brasil, 2001).

Leitura(s) e escrita(s) com o outro

- Conexão com a Filosofia: examinar as visões e argumentos filosóficos de diferentes autores e culturas para a construção de um entendimento mais abrangente do pensamento filosófico, por exemplo, o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre conhecimento, razão e realidade sócio-histórico-política (Brasil, 2001).
- Relação com o Mundo: compreender as experiências e perspectivas dos outros para contextualizar questões sociais e políticas, promovendo uma leitura mais consciente do mundo, como pensar a promoção integral da cidadania, e com o respeito à pessoa, dentro da tradição de defesa dos direitos humanos (Brasil, 2001).

Leitura(s) e escrita(s) do e com o mundo

- Conexão com a Filosofia: identificar questões filosóficas relacionadas com o mundo por meio da leitura e escrita filosóficas para desenvolver a consciência crítica, como entender quais são os campos de investigação da Filosofia.
- Relação consigo: refletir sobre seu papel no mundo e desenvolver uma consciência cidadã como, por exemplo, realizar experiências de pesquisa e extensão que englobem o gosto pelo pensamento inovador.

Leitura(s) e escrita(s) filosóficas na universidade

- Conexão com Escritas e Leituras de Si: incentivar os estudantes a desenvolverem suas próprias perspectivas filosóficas, integrando elementos pessoais em seus estudos, como o desenvolvimento de projetos de extensão que contemplem questões da sociedade contemporânea.
- Relação com o Outro: discutir e debater questões da filosofia na universidade, para promover uma compreensão mais rica e diversificada do trabalho comum ao processo de aquisição do conhecimento como, por exemplo, o trabalho com assessorias e debates sobre ética, política e cultura.
- Conexão com o mundo: abordar questões globais, relacionando a filosofia acadêmica ao contexto mais amplo como a realização de projetos de pesquisa de natureza transdisciplinar.

Ao estabelecer essas conexões, percebemos como as microesferas não existem e nem atuam isoladamente, mas estão interligadas, formando uma teia dinâmica que pode enriquecer a prática da Leitura e da Escrita, especialmente no contexto filosófico e acadêmico.

As leituras e escritas de si – pensando e construindo uma sequência didática

Para ilustrar uma sequência didática conforme descrito por Pessoa (2014), que consiste em um conjunto de atividades articuladas planejadas com o intuito de alcançar objetivos didáticos específicos e que se estrutura tomando por base um gênero textual ou conteúdo específico, podemos exemplificar como iniciamos a unidade/microesfera de leituras e escritas de si com a turma do primeiro período de Filosofia da seguinte maneira:

- a) apresentação do livro: *O chão adormecido no baú dos sonhos*, de Eliane Acioly;
- b) realização de uma leitura em voz alta da obra em sala de aula;
- c) instrução para os estudantes anotarem suas impressões durante a leitura;
- d) elaboração de um enunciado que começa com “Meu sonho é...”;
- e) leitura pelo professor e devolução à turma da primeira escrita sobre o tema do sonho;
- f) proposição de uma nova escrita, isto é, a reescrita do enunciado “meu sonho é...” com sentido completo.

Apresentamos alguns enunciados elaborados pelos estudantes de Filosofia construídos a partir das instruções propostas pelo professor nas etapas c e d:

E01¹⁹ – “Meu sonho é ser um grande acadêmico”

E02 – “Meu sonho é escutar música clássica”

E03 – “Meu sonho é ser um bom padre”

E04 – “Meu sonho é fazer uma obra artística”

Ao analisar os enunciados de E01 até E04, podemos observar que são breves escritos que revelam um aspecto genérico do sonho do autor/locutor, mas também indicam certa avaliação do processo de realização do ato de sonhar aparentemente vaga.

¹⁹ O uso da sigla acompanhada de numeração - E01- tem duas finalidades: primeira, para preservar a identidade dos escreventes em conformidade com as diretrizes da resolução 510/2016 do CNS/Ministério da Saúde (Brasil, 2016) em seus artigos I e III no inciso VII; e segunda, para a Análise do Discurso, o discurso se constrói com o dizer de sujeitos empíricos, mas nesse caso faremos o exame de posicionamentos discursivos e não do dizer do sujeito empírico, ou seja, do sujeito atravessado pela língua(gem).

Os quatro estudantes utilizam recursos linguísticos e discursivos para descrever os substantivos, ora acompanhados de adjetivos antepostos (como “grande acadêmico”, “bom padre”), ora de adjetivos pospostos (como “obra artística”, “música clássica”).

Essa escolha revela uma predicação bastante subjetiva do substantivo, por parte do autor/locutor, destacando aspectos afetivos e de atribuição/apreciação valorativa quando antepostos; e interferindo na propriedade intensional do substantivo, modificando-a em suas características elementares quando pospostos.

Dando prosseguimento ao nosso exame linguístico-discursivo, notamos que após a interação do professor em relação à produção de um parágrafo com sentido completo, levando em consideração o assunto, o leitor presumido, os objetivos do texto, o contexto da escrita, a organização das ideias e o grau de situacionalidade, temos os seguintes enunciados:

E01 reescrito: “Meu sonho é ter uma formação humanista, tais²⁰ como tiveram grandes gênios da humanidade e uma boa formação filosófica e teológica, para que uma vez bem formado eu possa transmitir às pessoas que me serão confiadas aquilo que aprendi, isso por meio do ofício de sacerdote, que provavelmente começará em 2030/2031.”

E02 reescrito: “O meu sonho é ouvir presencialmente e na primeira fila a apresentação orquestral dos quatro concertos para piano escritos pelo compositor russo S. Rachmaninoff. Pretendo realizar esse sonho nos próximos três anos na sala de concertos Minas Gerais, em Belo Horizonte (MG).”

E03 reescrito: “Meu sonho é de concluir as graduações de Filosofia e Teologia na PUC Minas até o ano de 2030, ao término do processo formativo, que será por volta do ano de 2031, ser ordenado presbítero (padre) e exercer o ministério ordenado com muito zelo, dedicação e obediência”.

E04 reescrito: “Meu sonho é produzir uma obra artística em estilo de animações, onde irei narrar trechos marcantes da história de vida do fundador de minha congregação religiosa. Pretendo realizar este sonho no próximo ano de 2025”.

Nesse processo de reescrita do enunciado: “Meu sonho é...”, os estudantes demonstram ter seguido as instruções do professor e também se apresentam como escritores atentos ao leitor presumido de seus sonhos. Eles criam enunciados com marcas de pessoalidade, evidenciados pelas marcas linguístico-discursivas como: “eu possa transmitir”, “que [eu] aprendi”, “[eu] pretendo realizar”, “[eu] irei narrar”, revelando assim uma tomada

²⁰ Manteremos a formulação gramatical do estudante, sem correções.

ativa de posse de seu sonho (o uso de pronome pessoal e terminação dos verbos em primeira pessoa).

Outro elemento perceptível nesse modo de reescrita dos estudantes é a contextualização temporal e espacial. Eles situam o leitor no tempo, indicando o futuro próximo por meio da menção de um ano específico, e no espaço, descrevendo a localização em uma cidade, universidade e o local de audição de uma orquestra sinfônica. Isso revela um cuidado em delinear o contexto para o interlocutor e pode ser a manifestação do desejo de concretização do seu sonho. Por exemplo, um estudante, ao usar o advérbio “presencialmente” para indicar que irá assistir a um recital de música clássica, vai além da simples escuta sugerida na primeira escrita (“escutar música clássica”) conferindo maior tangibilidade ao seu sonho (“**ouvir presencialmente e na primeira fila** a apresentação orquestral... **na sala de concertos Minas Gerais em Belo Horizonte**”).

Há um modo de escrever que pode ser revelador de projeções e de identificações desses estudantes quando, na sua reescrita do sonho, deixam entrever um processo interessante de identificar-se com: os gênios da humanidade, a composição de um músico russo, o fundador de uma congregação religiosa. Esse processo de identificação pode significar uma interlocução do sujeito-estudante com alguém proeminente, que vai se tornar um Modelo a ser seguido e, assim, interferir em sua história de vida e modificá-la.

Além disso, os estudantes enfatizam a importância de possuir uma formação acadêmica específica para o exercício de sua vocação como sacerdote/padre, evidenciando a conclusão do curso nas áreas de Filosofia e Teologia. Acrescentam ainda a relevância da formação humanística, destacando os valores fundamentais desse processo educacional, tais como zelo, dedicação e obediência, bem como a responsabilidade de transmitir o conhecimento adquirido: “transmitir às pessoas que me serão confiadas aquilo que aprendi, isso por meio do ofício de sacerdote”. Isso pode ser revelador de um posicionamento discursivo e identitário que necessariamente está atravessado pela formação presbiteral, mas que se apresenta como algo mais em relação ao primeiro enunciado a respeito do sonho. Observamos que esse algo a mais (acréscimo identitário representado pela inclusão das palavras sacerdote, padre, ser ordenado) pode ter surgido da interação com o professor, o que incorpora a perspectiva do interlocutor no processo de reescrita. Isso significa que há uma assimilação da identidade presbiteral nesse segundo texto, elaborado com o propósito de comunicar o sonho de servir ao outro como sacerdote, uma intenção que pode ser discernida pelo leitor.

Analisando a transição da escrita concisa dos enunciados iniciais para a elaboração do processo de reescrita dos quatro enunciados, percebemos que os estudantes gradualmente fornecem pistas linguístico-discursivas (pessoalidade, situacionalidade, localidade, temporalidade) sobre seu compromisso em comunicar de forma mais eficaz com seus interlocutores. Isso pode revelar posicionamentos discursivos que de outra forma não seriam perceptíveis, e nem flagrados em nosso exame, destacando a importância de uma transformação no ato de leitura e escrita motivada pelo impacto que um sonho pode ter sobre a identidade e a história interpessoal de cada um que está no início da graduação de Filosofia, primeiro passo para a formação de se tornar um sacerdote.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma disciplina como Leitura e Escrita no curso de Filosofia – Bacharelado –, construir as estratégias dialógico-discursivas para o início da graduação é fundamental para uma proposta de letramento acadêmico por várias razões, porque o conhecimento e as práticas de leitura e escrita devem e podem ser trabalhados por meio da interação entre os estudantes e o professor, uma vez que nessa chegada à Universidade os sujeitos leitores e escritores trazem consigo diferentes bagagens culturais e competências linguísticas heterogêneas.

O desenvolvimento de estratégias dialógico-discursivas permite que esses estudantes compartilhem suas experiências, construindo significados em conjunto e promovendo uma compreensão mais ampla e rica do que seja ler e escrever no contexto acadêmico-universitário.

Ao participarem de discussões em sala de aula, debates e trabalhos em grupo, audição de leituras em voz alta, comentários e interações com o professor para o entendimento dos exercícios, trabalho com a reescrita de textos, os estudantes aprendem a articular suas ideias por meio das práticas de leitura e escrita, além de desenvolverem a capacidade de argumentação, reflexão crítica e compreensão de sentidos das palavras e suas representações em vários gêneros textuais e discursivos.

O uso de estratégias dialógico-discursivas pode criar um ambiente de aprendizagem participativo e colaborativo, no qual os estudantes se sentem motivados a se envolver ativamente no processo de construção das práticas leitoras e de escritura. Isso contribui para um possível desenvolvimento de um senso de pertencimento à comunidade acadêmica, favorecendo a integração dos estudantes ao ambiente universitário e despertando-os para o

reconhecimento da diversidade linguística e cultural, e o engajamento dos estudantes no processo de aprendizagem.

Sabemos que engajar os estudantes em práticas leitoras e de escrita dentro da perspectiva dialógico-discursiva não é tarefa fácil, conforme evidenciam estudos na área da linguística aplicada. Pesquisas sobre o letramento acadêmico, em especial o trabalho de pesquisa de Marinho (2010), ressaltam um aspecto crucial em relação aos desafios na graduação. Essa autora destaca que, no contexto universitário brasileiro, ainda há escassez de estudos sobre as práticas de leitura e escrita acadêmica. Essa lacuna pode reforçar a crença, por parte de professores universitários, atravessados pelo modelo de letramento autônomo, de que os alunos do Ensino Médio deveriam chegar à Universidade já preparados, possuindo as habilidades e competências de leitura e escrita em qualquer gênero (Marinho, 2010).

No campo de pesquisa do letramento acadêmico, também são destacados trabalhos de pesquisa que enfatizam a maneira como os estudantes universitários se expressam sobre suas habilidades de escrita ao se depararem com o ambiente acadêmico. Na obra de Fiad (2011), isso se torna evidente ao realizar considerações críticas sobre a cultura de deficiência de leitura e escrita observada nesses alunos. A autora aponta a necessidade de contextualizar as práticas de leitura e escrita nos ambientes em que ocorrem. Além disso, ressalta que a cultura de déficit de leitura e escrita, por estar ancorada no modelo autônomo de letramento, não aborda as práticas de letramento como uma atividade social situada em uma formação discursiva, que é a comunidade universitária.

A escrita acadêmico-científica tem sido abordada em pesquisas como um meio, fator e produto importantes para investigar as instâncias enunciativas e discursivas dos estudantes universitários inseridos na comunidade acadêmica, tanto na graduação quanto na pós-graduação conforme já indicamos em nossa pesquisa (Brito, 2019). Isso se deve ao fato de que esses estudantes precisam lidar com questões de circulação, recepção, compreensão e produção de textos científicos derivados das práticas discursivas presentes na esfera universitária.

Quando apostamos em estratégias e vivências de leitura e escrita dentro do enquadre dialógico-discursivo, observamos uma mudança, mesmo que aparentemente pequena, no modo de escrita dos estudantes. Essa mudança revela um processo de construção e reconstrução de posicionamentos discursivos diante dos objetos de leitura e escrita. Isso é evidenciado na análise de uma parte da sequência didática proposta pelo professor no início do curso de Leitura e Escrita para a turma do primeiro período de Filosofia que se encontra

nesse artigo. É possível perceber sinais do engajamento dos estudantes quando, ao iniciar o processo de reescrita, começam a apresentar em seu modo de dizer e escrever pistas linguísticas e discursivas de pessoalidade, situacionalidade, temporalidade e localidade.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. *In*: BRAIT, Beth. **Bakhtin dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 25-36.
- BRAIT, Beth. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. *In*: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 7-10.
- BRAIT, Beth. Perspectiva dialógica. *In*: BRAIT, Beth; SOUZA E SILVA, Maria Cecília. **Texto ou discurso**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 9-29.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução 510/2016, de 07 abril de 2016. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 24 maio 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Filosofia**. Brasília, 2001, p. 3-4. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- BRITO, Robson Figueiredo. **Posicionamentos discursivos e identitários de sujeitos universitários em experiência de letramento acadêmico em um curso de Direito**. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, PUC Minas, Belo Horizonte, 2019.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- DAHLET, Patrick. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 55-84.
- FARACO, Carlos Alberto Faraco. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- FIAD, Regina Salek. A escrita universitária. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônica, n. Especial, p. 357-369, 2. Parte, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/download/1116/1039/426>. Acesso em: 1 maio 2024.
- GALLO, Silvío. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. São Paulo, Papyrus, 2014.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e campo. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2018. p. 133-160.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução Fabiana Komesu e Adriana Fischer. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 477-493, jul./dez. 2014.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2018. p.115-131.

MARI, Hugo. **Os lugares do sentido**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

MARINHO, Marildes. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo Cortez, 2012.

PESSOA, Ana Cláudia Gonçalves. Sequência didática. *In*: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças Costa. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores, Belo Horizonte, UFMG, 2014.

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens crítica do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.